

Festas do Rosário e de São Benedito – Celebrações um Catolicismo popular Brasileiro que nasceu na África

Marco Antonio Fontes de Sá*

Resumo: Este artigo pretende ser uma breve apresentação de um trabalho de quase 10 anos de pesquisa e documentação fotográfica, das celebrações dedicadas a N. Sra. do Rosário e de São Benedito e que se tornou posteriormente uma pesquisa de mestrado. Partindo de um olhar sobre as origens da festa, acompanho o desenvolvimento e algumas variações dessa devoção festeira em sua estrutura e apresentação, em vários estados brasileiros, ressaltando a relevância e a presença da cultura dos povos conhecidos como Bantu desde a origem, até hoje.

Palavras-chave: Bantu, festa do rosário, catolicismo popular, irmandades, escravidão

Festivals of the Rosary and of São Benedito – Celebrations a popular brazilian catholicism that was born in Africa

Abstract: This article is intended to be a brief presentation of research work and photographic registration of almost 10 years, of celebrations dedicated to Our Lady of Rosary and St. Benedict and which later became a master degree research. Starting from a look at the origins of the party, I follow the development and the structural and performer variations of some of this party devotion, in several Brazilian states, highlighting the relevance and presence of the culture of the people known as Bantu from the beginning, until today.

Keywords: Bantu, Rosary feast, Popular Catholicism, brotherhood, slavery

Devoção trazida da África

Congadas são festas em homenagem aos chamados Santos Negros, especialmente N. Sra. do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia.

São chamadas também de Reinados, mas há pesquisadores, que defendem a diferença entre os dois termos explicando que tudo é Congado, mas nem tudo é Reinado, já que o segundo tem um caráter mais místico do que o primeiro e está mais ligado à ancestralidade. Assim, simplificando, o Reinado é a parte da festa em que a ancestralidade é reverenciada a partir da coroação dos reis, que retomam as origens nos reis africanos. Essa cerimônia implica numa transferência da coroa dos reis da festa que termina para os que farão esse trabalho na festa do ano seguinte assumindo o compromisso com a comunidade e com os santos padroeiros.

* Mestre e Doutor em Ciência da Religião pela PUC/SP

O Congado é tudo que envolve o Reinado ou, em outras palavras, o Reinado é o fundamento do Congado.

A devoção aos santos sempre foi parte importante e estrutural do catolicismo ibérico e fez parte da cristianização das terras onde Portugal e Espanha desembarcaram como colonizadores.

Anderson de Oliveira, em seu livro *Devoção Negra* explica como os santos de origem africana, tais como São Benedito, Santa Efigênia e Santo Eslebão foram usados pelas ordens missionárias, especialmente os Carmelitas e Franciscanos, como representantes de um modelo de comportamento de uma ancestralidade africana, para apresentar o catolicismo aos africanos trazidos como escravos para Portugal e para o Brasil.

Ao contrário do que acontecia em outras etnias africanas, para os povos da região Congo/Angola, os ancestrais eram muito importantes como ligação entre os mundos sobrenatural e natural. O papel dos ancestrais falecidos para esses povos era muito parecido com o atribuído aos santos na religiosidade popular católica e isso facilitou a introdução da devoção a esses, chamados santos negros, entre os escravizados de origem Bantu.

James Sweet, no livro *Recrutar África* diz algo sobre isso:

O culto dos santos constituiu uma outra porta de entrada dos africanos na fé católica. O Panteão das figuras religiosas católicas era, em muitos aspectos, semelhante ao panteão de espíritos ancestrais africanos. (SWEET, 2007, p. 240)

São Benedito era filho de escravos, nasceu na Sicília (Itália) no início do século XVI e se tornou um eremita franciscano que depois ingressou na ordem dos frades menores por causa da unificação das ordens franciscanas organizada pelo Papa Pio IV. Santa Efigênia era uma princesa africana na Núbia e consta que foi convertida ao catolicismo pelo próprio evangelista Mateus. A virgem do Rosário não é uma imagem negra, mas se tornou a principal devoção entre os escravizados no Brasil colônia, a partir do mito fundador da devoção e que é a base da organização das festas em sua homenagem, especialmente em Minas Gerais, onde essa devoção é mais forte ainda hoje.

Criar novos mitos

Novos mitos fundadores foram importantes na construção e manutenção de uma identidade e memória africana entre os escravizados. Vivendo em sociedades fundamentadas

na oralidade, os africanos dependiam dos mais velhos para conhecer sua história, compreender e apreender suas tradições. Todavia, os mais velhos não eram os escravizados. Ao sequestrar os jovens para o comércio no tráfico negreiro, o colonizador escravocrata rompia um dos mais importantes vínculos mantenedores da identidade africana. Esses primeiros jovens que chegaram no Brasil, escravizados, tiveram a importante tarefa de reorganizar novos mitos fundadores de uma identidade africana que enfrentava novos desafios num cenário escravocrata.

O mito do aparecimento da imagem de Nossa Senhora nas águas é um deles. É descrito por várias autoras e autores, especialmente Marina de Mello e Souza (*Reis Negros no Brasil Escravista*), Glaura Lucas (*Os Sons do Rosário*) e Leda Maria Martins (*Afrografias da Memória*). Essa última apresenta seis narrativas, com pequenas variações, da mesma história da imagem que aparece nas águas e que foi retirada com o toque dos tambores dos negros do Moçambique, depois que os Congos tentaram e quase conseguiram, e os brancos fracassaram, com sua música.

Esse mito é representado nas festas do Rosário de Minas Gerais, seja pela encenação da retirada da imagem de um rio, onde é colocada um dia antes do início da festa, seja pela organização da procissão onde as guardas (grupos) de Congo e Moçambique assumem os papéis descritos nas versões mais extensas do mito, como explica Glaura Lucas

Nos cortejos, portanto, é o Moçambique que conduz reis e rainhas, privilégio conquistado por ter resgatado a imagem do mar, ou por representar o Candombe, sendo assim, o primeiro na hierarquia. Ele toca e desloca-se devagar, pois foi assim que a santa foi retirada das águas. Os moçambiqueiros são os que detêm os segredos e os mistérios e seus cantos rememorizam a África e os antepassados. A guarda de Congo segue sempre à frente e, com sua movimentação rápida, saltitante, motivada sobretudo pelo ritmo do Dobrado, tem a função de abrir e limpar os caminhos para que o Moçambique e o reino coroado possam passar. (Lucas, 2002, p.59)

Encenação da retirada da
imagem de N. Sra. do Rosário
das águas do rio Fanado
Minas Novas - MG



Leda Maria Martins também explica essa tradição:

As guardas de Congo abrem os cortejos e limpam os caminhos, como uma força guerreira de vanguarda. O Moçambique, alçado como líder dos ritos sagrados e guardião das coroas que representam as nações africanas e a senhora do rosário, conduz reis e rainhas.
[...] Assim como ressoam nos cantares, o Congo “é o que não bambeia”, mas o Moçambique é o “dono da coroa”.
(MARTINS, 1997, p.57, 58)

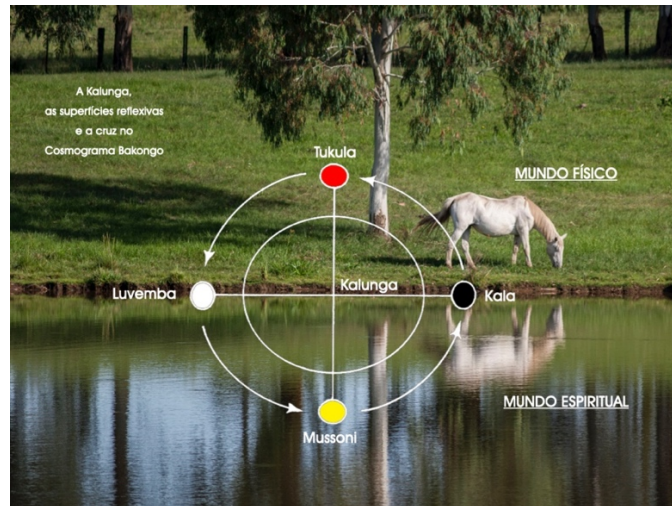
Na cosmovisão do povo Bantu¹, o mar era chamado de Kalunga Grande e fazia a separação entre o mundo dos vivos e dos mortos. A travessia do Atlântico e a presença da água no aparecimento da imagem tem, portanto, significados místicos e míticos na formação da nova identidade negra que se formou no Brasil colônia.

Edmilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira de Magalhães Gomes, em seu livro *A flor do não esquecimento*, apresentam um curioso paralelo entre a procissão das festas de Congado e as águas do mar.

A configuração estética de ritual atende, em princípio, à demanda das narrativas sagradas, como se vê, por exemplo, na disposição dos ternos de Congo e Moçambique. O colorido e a movimentação intensa do Congo contrastam com a dualidade de azul e branco e o movimento cadenciado do Moçambique. O fato de um terno específico preceder o outro nos cortejos define a série de alternâncias colorido/bicolor, acelerado/cadenciado que produz uma sensação estética similar às ondulações das águas [...] (GOMES, PEREIRA, 2012, p. 67/68)

Na representação gráfica da Kalunga ela aparece como uma linha divisória entre os mundos natural e sobrenatural e tem ainda, em associação com a água, semelhança com a imagem espelhada na superfície tranquila de um lago, conforme a imagem abaixo em que o cosmograma em forma de cruz mostra a separação entre mundos

¹ O nome Bantu foi empregado pela primeira vez em 1862 pelo filólogo alemão Wilhelm H. I. Bleek se referindo aos povos da África Central e, particularmente do Congo e de Angola, que falavam línguas com uma raiz comum, como o Umbundo e o Quibundo. Esses povos foram os primeiros e a maioria dos escravizados no Brasil.



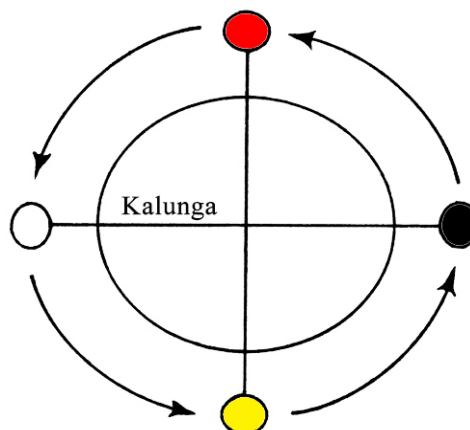
Assim, qualquer superfície reflexiva era associada a uma forma de comunicação com o mundo sobrenatural. Os espelhos, trazidos pelo colonizador, serão também entendidos como portadores desse poder.

Em função disso, em Minas Gerais, as guardas de Congo que, como nos informou Leda Maria Martins, vão na frente do cortejo, limpando os caminhos, costumam ter espelhos em suas roupas, especialmente nos chapéus.



Espelhos são comuns nos chapéus das guardas de Congo mineiras

O cosmograma em forma de cruz representa ainda o ciclo da vida, como um nascer e pôr do sol percorrido em sentido anti-horário onde o alvorecer (elipse negra) equivale ao nascer da vida, o meio-dia (elipse vermelha) ao seu apogeu, o pôr do sol, à morte (elipse branca) e o mundo sobrenatural, dos mortos (elipse amarela) à noite. Esse cosmograma em forma de cruz, que igualmente sugere uma imagem refletida, será também importante para a introdução do catolicismo na África Bantu.



Segundo Marina de Mello e Souza,

[...] o desenho da cruz indica o ciclo básico da vida, pensado a partir dos quatro pontos percorridos pelo sol no seu movimento circular e contínuo: o nascimento, quando desponta no horizonte; a maturidade quando alcança o ponto mais alto no céu; a morte, quando se põe do outro lado do horizonte; e a existência no mundo dos mortos, quando está no polo oposto, iluminando o mundo invisível, do qual segue seu trajeto circular para começar novo ciclo. [...] Essa organização está expressa no signo da cruz: o eixo horizontal da cruz liga o nascer ao por do sol, assim como o nascimento à morte dos homens, e o seu eixo vertical liga o ponto culminante do sol no mundo dos vivos e no mundo dos mortos (o zênit visível e o invisível), permitindo a conexão entre os dois níveis de existência (SOUZA, 2018, p.46)

Wyatt MacGaffey também ressalta e confirma a importância da cruz nos rituais de proteção e adivinhação elaborados por congoleses, fosse ela pintada no fundo de um pote usado em rituais, traçada no chão, ou encontrada numa encruzilhada, como ponto de transição entre o familiar e o estranho, entre o que é visto e o que não é visto.

O sinal da cruz é um “cosmograma”, uma marca microcós mica desenhada no chão para indicar que o indivíduo em questão está numa encruzilhada entre causas invisíveis e efeitos visíveis. Não é um resíduo de influências cristãs (MACGAFFEY, 2000, pg. 247) (Tradução deste autor)

Reinados na África

O Congado (ou Reinado) é uma manifestação festiva de um catolicismo africano que se estruturou na África com a chegada de Diogo Cão na foz do Rio Zaire, em 1485. Numa relação que começou bem antes do Brasil começar a ser colonizado, portugueses, reis e líderes (sobas) das comunidades do Congo, estabeleceram um comércio de matéria-prima e manufaturada que já incluía a escravidão, mas não era nem uma amostra do que ela viria a ser quando começou o cultivo de cana-de-açúcar e, principalmente, com a descoberta de ouro e diamantes em Minas Gerais.

Essa relação comercial também permitiu a presença de portugueses na corte congoleza e de africanos livres na corte portuguesa. Muitos desses africanos livres voltaram para a África como catequistas e propagadores da cultura portuguesa e, segundo Lucilene Reginaldo: “O envio de jovens da elite conguesa para Portugal, a fim de obterem educação formal e religiosa, foi uma constante durante os primeiros séculos de contato”. (REGINALDO, 2011, p. 35).

A maneira como os portugueses se relacionaram com essa África Bantu foi diferente da que aconteceu com outros povos africanos também escravizados. Esse relacionamento começou 15 anos antes do Brasil ser encontrado por Cabral e cerca de 50 anos antes do início da colonização

Recorrendo novamente a Marina de Mello e Souza,

O comércio com os portugueses e as mercadorias que introduzia forneciam novos e abundantes signos de prestígio. Dessa forma, os chefes envolvidos no tráfico, principalmente de escravos, tornavam-se mais poderosos e expandiam, seus territórios e aldeias tributárias. [...] Os sobas do Ndongo, antigos tributários do *mani* Congo, tornaram-se mais fortes à medida que aumentou seu envolvimento com o tráfico, permitindo-lhes o acesso a mais índices de riqueza e prestígio quando não às cobiçadas armas de fogo que os portugueses relutavam em comerciar (SOUZA, 2006, p.101)

Os Bantu absorveram a cultura portuguesa e seus valores, naquilo que beneficiou as lideranças locais, incluindo aí tradições e práticas do catolicismo, graças a diversos pontos que a cosmologia Bantu tinha em comum com o catolicismo português, como a já mencionada semelhança da função dos santos católicos com a dos ancestrais africanos. Além disso, a familiaridade com certos símbolos como a cruz, também vista anteriormente, e o

importante papel dos *nganga*, sacerdotes africanos que, assim como os padres na liturgia dos sacramentos, se utilizavam de objetos, chamados *minkisi*, em rituais de cura, proteção, e etc.... foram outros fatores que permitiram que aceitação do catolicismo na África Congo/Angola acontecesse com certa facilidade.

Por outro lado, ao serem os primeiros e a maioria dos escravizados que foram trazidos para o Brasil, sua presença e de seu cristianismo africanizado, já apreendido na África, influenciou de forma marcante a formação da sociedade brasileira em seu catolicismo popular.

Ainda que a comparação seja um tanto rasa, é importante lembrar que os mesmos africanos foram levados como escravos para as plantações nos Estados Unidos. Lá, entretanto, a presença da cultura africana foi sistematicamente apagada da história e substituída pelos valores do protestantismo Calvinista/Presbiteriano. Emblemático é o desaparecimento do tambor de todas as manifestações festivas afrodescendentes e sua substituição pelo Blues que, já no nome, fala de tristeza e que foi fundamental na formação da música Gospel. Nesse gênero de música, a comunidade afrodescendente não teve outra escolha a não ser se apropriar dos mitos fundadores bíblicos e traçar paralelos entre sua escravidão e a do povo Hebreu, o que fica evidente na letra do blues *Let My People Go*, interpretada por Louis Armstrong.

No Brasil, a escravidão não impediu a presença dos tambores e é certamente por isso que aqui, não só a Congada, mas também outras manifestações da cosmovisão africana puderam se estabelecer e se desenvolver, dando origem aos Candomblés, à Umbanda e suas variações com a influência da cultura nativa.

Estratos da Formação de uma Devoção Afro Católica

Não há só uma história que dê conta de relatar os 350 anos de escravidão no Brasil.

Desde a primeira metade do século XVI, africanos foram trazidos de portos estabelecidos na costa atlântica e, mais tarde (séc. XIX), na costa Índica do continente africano, como nos mostra o mapa a seguir.



Fonte: Manoel Maurício de Albuquerque et alii. *Atlas histórico escolar*. 8.ed. Rio de Janeiro: MEC, 1991.

Embora em alguns momentos o tráfico de africanos trazidos da África Sudanesa (área amarela do mapa) superasse os que vinham de qualquer outra região, a África Bantu (área vermelha) foi a primeira e a que forneceu a maior quantidade de mão-de-obra escrava para o projeto de colonização do Brasil.

Segundo Linda Haywood:

[...]os centro africanos estavam em todas as regiões. Na verdade, eles representavam quase 45% ou aproximadamente 5 dos 11 milhões de africanos importados como escravos para as Américas entre 1519 e 1867 [...] Durante o período em que este comércio era legal entre África e Brasil, foram importados entre 3,5 e 3,6 milhões de escravos originados da África Ocidental e da parte ocidental da África Central (HEYWOOD, 2012 p.18,19)

Na medida em que novas levas de escravizados chegavam ao Brasil, encontravam seus antecessores, já organizados num sistema que servia de base para construir e manter uma identidade africana no meio de uma sociedade escravocrata e, de modo especial, para obter a alforria dos vivos e o sepultamento dos mortos. Eram as Irmandades de Homens Pretos

Anderson de Oliveira, nos diz algo sobre essa estratificação das etnias africanas trazidas para a colônia:

Não se pode esquecer que os africanos que chegaram ao Brasil eram oriundos de universos culturais múltiplos e distintos e, com certeza, as suas reações diante do catolicismo foram diversas. Por outro lado, os agentes católicos da catequese apresentaram perspectivas diferenciadas na forma de compreender e de agir no universo colonial. Embora pertencentes aos quadros da Igreja, os projetos e métodos

privilegiados por jesuítas, franciscanos, carmelitas e outros, foram variados (OLIVEIRA, 2008, p. 34)

Os que chegavam modificavam e eram modificados por essa estrutura social organizada na forma de Irmandades.

As Irmandades surgiram a partir de um modelo de confraria que existia na Idade Média, para ajuda mútua de membros de classes profissionais. As confrarias europeias, assumiram um caráter religioso sob as formas de Ordem Terceiras e Irmandades. As primeiras eram associações de leigos filiadas a uma ordem religiosa, como a dos Carmelitas ou dos Franciscanos. As Irmandades não tinham vínculos com essas ordens e as que surgiram entre os escravizados e alforriados se estruturaram para garantir um mínimo de dignidade aos irmãos filiados. Conseguir a alforria dos escravizados e o sepultamento dos mortos eram dois dos principais objetivos das Irmandades de Homens Pretos.

Conforme Antonia Quintão nos mostra em seu estudo sobre as Irmandades em São Paulo

As irmandades significavam para os negros a possibilidade de resgatarem a sua humanidade e viverem a esperança de dias melhores. Em vista disso, constituíam-se funções essenciais dessas associações – proteger, socorrer e prestar auxílio a seus membros nos momentos de dificuldades ou de doença (QUINTÃO, 2002, p.33)

Além disso, impedidos de frequentar as igrejas do colonizador, arrecadavam fundos para construir e manter suas igrejas, erguidas em homenagem aos seus padroeiros, N. Sra. do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, principalmente. As Irmandades também organizavam e realizavam as festas em honra a esses padroeiros e



Sede de Irmandade em Jardim do Seridó – RN

contratavam os padres que celebrariam as Missas nessas festas. Foram assim, fundamentais da formação de nossa religiosidade popular e sobretudo na estruturação das Congadas. Elas são, ainda hoje, em vários estados brasileiros, responsáveis pela manutenção dessas tradições.

Segundo Marina de Mello e Souza:

As irmandades foram elementos fundamentais no exercício de uma religiosidade colonial e barroca, caracterizada pelo culto aos santos, pelas devoções pessoais e pela pompa das procissões e festas, marcada pela grandiosidade das manifestações exteriores da fé, na qual conviviam elementos sagrados e profanos. A essas especificidades do catolicismo colonial agregava-se um caráter prático e imediatista, que buscava consolo e soluções para as questões do cotidiano, principalmente por interferência dos santos, aos quais eram dirigidas promessas que seriam cumpridas mediante o alcance da graça pedida (SOUZA 2006, p. 184)

Contudo, as Irmandades não ficaram limitadas à devoção aos santos negros. A relação com a ancestralidade e com os falecidos produziu na cidade de Cachoeira, na Bahia, a organização de um culto a N. Sra. da Boa Morte fundamentado na assunção (subida aos céus) da mãe de Jesus e estruturado numa Irmandade oficializada no século XVIII e formada apenas por mulheres. Essa devoção é um exemplo da força da religiosidade popular, já que a transformação da assunção de Maria em dogma da Igreja Católica só aconteceu em 1950².



Festa de N. Sra. da Boa Morte – Cachoeira - BA

Nas festas de hoje é possível constatar que as relações das Irmandades com o clero dependem muito de quem é o padre ou o bispo que assume a paróquia ou a diocese onde se realiza a festa.

² A crença na elevação de Maria aos céus de corpo e alma já aparecia nas primeiras comunidades cristãs e há menções à devoção a N. Sra. da Boa Morte e à construção de igrejas em sua homenagem, na Europa, já no século XVII conforme <http://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/nossa-senhora-da-boa-morte>, consultado em 23/09/2019.



Festa de N. Sra. do Rosário
Chapada do Norte – Vale do Jequitinhonha - MG

Quando boas, essas relações propiciam uma integração entre o popular e o institucionalizado (para não usar a dicotomia sagrado x profano) onde os padres são muitas vezes chamados a coroar reis e rainhas, não para legitimá-los, mas para oficializá-los.

Isso porque, a separação entre sagrado e profano é inerente das religiões europeias e de modo particular, foi reforçado no Catolicismo que vigorou a partir do Concílio de Trento³ (1545-1563), mas não faz parte da cosmovisão Africana, em geral. Assim, para esses povos e seus descendentes até hoje, muito do que se faz nas festas, mesmo não sendo dentro da igreja, é sagrado. A coroação do rei e rainha é sagrada pela sua relação com a ancestralidade e não porque é feita por um padre, numa igreja, ainda que também houvesse, entre os povos Bantu, sacerdotes que usavam objetos “sagrados” para realizar curas e alcançar revelações.



Coroação de rei e rainha, feita por um padre, dentro da igreja
Chapada do Norte – Vale do Jequitinhonha - MG

³ Conhecido também como o Concílio da Contrarreforma Protestante, Trento foi uma resposta aos movimentos iniciados por Martin Lutero, que desencadearam a Reforma Protestante. Foi nesse concílio que surgiu a congregação dos Jesuítas e se afirmaram e reafirmaram dogmas importantes do Catolicismo, incluindo a devoção aos santos e os sacramentos e assim ratificando a função dos padres de fazer a ligação com o sagrado.

Os muitos modos das mesmas devoções

Guardas de congo, moçambique, catopé, vilão, marujos. Ticumbi, catumbi, cacumbi, cabinda, cambinda, marujada, taieiras... São todos nomes de manifestações à mesma devoção aos chamados santos negros.

Embora não haja estudos específicos sobre o tema, a organização das festas e das guardas em cada região do Brasil têm, certamente, muito a ver com a cosmovisão e procedência das etnias africanas que se destacaram na organização dessas devoções. Alguns desses nomes (congo, moçambique, cambinda) têm origem em regiões ou etnias africanas. Outros, como marujos e vilões têm relação com o papel que representam no rito de atualização do mito fundador, que é o arcabouço da festa.

Como quase tudo que veio da África com os escravizados, a devoção aos santos negros originada entre os Bantu, se modificou pela chegada constante de homens e mulheres trazidos daquele continente, se misturou com costumes e tradições populares do colonizador e, em cada região do país assumiu características próprias, cujo ponto de articulação é a devoção e celebração dos santos católicos e tendo Nossa Senhora do Rosário como principal patrona da maioria das irmandades criadas por aqui, e São Benedito como o segundo mais homenageado. O catolicismo africanizado que brotou, a partir dessas devoções, encontrou no Brasil colônia um solo fértil para crescer e se multiplicar, numa terra onde o clero⁴ era pouco preparado e tinha pouco ou nenhum controle sobre a religiosidade popular e a devoção aos santos⁵, também comum entre os colonizadores.

Na construção dessa sociedade colonial, articulada em pequenas vilas e cidades, quase todas com nomes de santos católicos, as festas dos padroeiros eram um esperado momento de socialização e também estratégicas para reduzir tensões entre os escravizados e seus escravizadores.

Na medida em que se misturavam cosmovisões de diferentes etnias africanas, crenças e costumes dos portugueses, que por sua vez já haviam tido contato com povos nativos, foi se formando um catolicismo popular⁶ mesclado e variado nas práticas, devoções e celebrações.

⁴ Parte do reduzido número de padres que veio para o Brasil nos primeiros anos da colonização nem era alfabetizado. Só com o Concílio de Trento (1545-1563) é que a construção de seminários e a formação dos padres entrou na pauta da Igreja Católica. Mesmo assim, as resoluções do concílio só começaram a ter eficácia no Brasil cerca de 2 séculos depois.

⁵ Apesar de só ter sido canonizado no século XIX, a devoção a São Benedito existe desde o século XVII

⁶ No nordeste brasileiro, onde havia menos ouro e diamantes, a colonização foi mais gerenciada pelo clero e traduzida numa religiosidade popular messiânica em torno de figuras como Antonio Conselheiro, José Lourenço, Pe. Ibiapina e Pe. Cícero.

No Vale do Paraíba paulista é comum a presença de guardas de congo e moçambique em festas do Divino, que são fruto de uma tradição portuguesa por excelência. Além disso esses moçambiques paulistas se distinguem de seus primos mineiros na indumentária mais europeia, nos guizos chamados de gungas, que vão nas pernas e não nos tornozelos e na



Moçambique de bastão dançando na festa de São Benedito em Guaratinguetá - SP

coreografia com bastões que lembra o maculelê e a disputa entre mouros (trajados de vermelho) e cristãos (trajados de azul) existente nas Cavalhadas⁷ que, por sua vez, são também frequentes nas festas do Divino de outros estados, particularmente em Goiás.

Por causa dessas diferenças esses grupos paulistas são também chamados, entre os pesquisadores, de

moçambiques de bastão ou moçambique autônomo⁸.

Uma celebração que certamente também tem como referência as Cavalhadas, aparece em Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha – MG, onde a elevação do mastro com a bandeira que inicia a festa é feita depois de uma disputa entre azuis e vermelhos, feita a cavalo



Festa do Rosário – Chapada do Norte – MG
Elevação do mastro feita com uma cavallhada

⁷ Ato dramático que encena a luta dos cristãos com os mouros, inspirada na reconquista da península ibérica e que foi usada pelos jesuítas como forma de catequese

⁸ Esse segundo nome vem do fato de que esses grupos dançam e cantam sozinhos, sem a companhia de outros grupos ou guardas.

Em Ilhabela, a Congada em homenagem a São Benedito se utiliza de uma dramatização que também lembra o embate entre cristãos e mouros. Entretanto, embora essa origem seja mencionada no livro de Iracema Lopes Correia: *A Congada de Ilhabela na Festa de São Benedito*, há outras versões para a encenação que afirmam se tratar da disputa entre dois reis africanos, bastante comuns no Congo.

Nessa Congada há uma “marimba” que era utilizada pelos primeiros Congueiros⁹ e que é constantemente restaurada para utilização na festa. É um instrumento muito semelhante ao que aparece no desenho feito por François-René Moreaux, pintor, fotógrafo e professor francês radicado no Brasil no século XIX e que está no acervo da Biblioteca Nacional Digital. Foi o único lugar onde registrei esse instrumento e considero importante esse registro.



Danse de Maiambaia
Corte do Império do Brasil. 1838/1860 – François – Renè Moreaux
Acervo Biblioteca Nacional Digital



Marimba utilizada na Congada de Ilhabela

⁹ Em Ilhabela esse é o nome dado aos brincantes que em outros estados são chamados de Congadeiros.

Em Prado – BA e em Bragança - PA, as marujadas são um exemplo de adaptação da festa à presença do clero para a celebração das Missas.



Marujada em Prado - BA

Embora o dia de São Benedito seja oficialmente o 5 de outubro, essas marujadas celebravam sua festa na segunda feira depois do Domingo de Páscoa para aproveitar a presença do padre nas comunidades, demonstrando a flexibilidade da cultura e da religiosidade popular, fator que ajudou, e ainda ajuda, na sua adaptação às mudanças. Essa tradição persiste até hoje, ressaltando o protagonismo das mulheres na marujada paraense.



Marujada em Bragança - PA

Na Bahia, no Quilombo Mangal do Barro Vermelho, situado às margens do rio São Francisco, município de Sítio do Mato, a comunidade afrodescendente se organizou de uma forma muito semelhante a das primeiras Irmandades. Embora não haja na sua festa a coroação

de reis e rainhas, a marujada celebra a festa do Rosário, convidando um padre para presidir a Missa na igreja por eles construída, e visitando as casas da comunidade com seus cantos e danças acompanhados somente pelos pandeiros.



Marujada no Quilombo Barro Vermelho - BA

Já em Minas Gerais, a descoberta de ouro e diamantes permitiu uma particular expressão desse catolicismo negro, uma vez que, ao mesmo tempo que tanto a população branca e negra aumentaram exponencialmente na busca dessas riquezas, o clero e qualquer outra profissão que não estivesse diretamente ligada à mineração, foi proibido ali estar.

É certamente por isso que em Minas o saber e os costumes Bantu estão mais evidentes.

Os Bantu, na África, veneravam entidades chamadas N'kisis. Entre elas, um dos mais importantes é Kitembo, N'nkisi do tempo e do vento que ajudava os nômades a encontrar um caminho, através de uma bandeira branca, levantada num mastro e que apontava a direção a seguir. Até hoje, em todos os terreiros de Candomblé de origem Congo/Angola, aqui instalados, existe uma bandeira para Kitembo, instalada logo na entrada do terreiro.

É razoável supor, que o ritual de levantamento e abaixamento da bandeira, que dá início e marca o fim de quase todas as festas ligadas à religiosidade popular no Brasil, tenha sido para os Bantu, uma memória de sua origem africana.

Em Minas Gerais, isso fica muito evidente na medida em que os capitães das guardas de moçambique, cujo papel no desenrolar da festa é, como já vimos, especial, encostem os bastões, símbolos de sua autoridade, poder e até sacerdócio, no mastro recém levantado com a bandeira do padroeiro. Mastro que liga o céu e a terra.



Levantamento do mastro para início da festa do Rosário
Comunidade dos Jatobás – Belo Horizonte - MG

Concluindo

Do encontro dos portugueses com os africanos do Congo em 1485, surgiu um catolicismo africano (como alguns autores gostam de chamar) que aproveitou práticas e cosmovisões católicas incorporando-as ao seu universo e ao seu cotidiano. Não foi uma conversão, no sentido do abandono de uma cosmovisão para assumir outra, muito menos um disfarce para fazer com que o colonizador acreditasse na conversão. Foi, de fato, uma assimilação que manteve costumes antigos e agregou novas práticas reorganizadas no interior de sua cultura.

Quando o Brasil começou a ser colonizado, cerca de 50 anos depois desses primeiros contatos, o catolicismo já tinha se difundido entre os povos do Congo e, com um pouco mais de dificuldade, entre os povos de onde é hoje Angola. Os escravizados dessa região foram os primeiros e que em maior número, formaram a sociedade escravocrata no Brasil Colônia.

Aqui, o catolicismo que havia sido assimilado na África se estruturou em forma de Irmandades, como forma de resistir e manter as diversas identidades e memória africana das tradições e dos antepassados e reestabelecendo a dignidade destruída pelo tráfico negreiro,

através da alforria dos irmãos escravizados e do sepultamento daqueles que morriam, favorecendo a passagem desses pela Kalunga Grande, ao encontro dos outros que já haviam partido.

Se em Minas Gerais, por causa da descoberta de ouro e diamantes esse catolicismo negro e popular se fortaleceu, e assumiu características particulares e extremamente próximas de suas origens africanas bantu, por causa da proibição da presença do clero nas áreas de mineração, em outros estados essa origem africana se misturou às diversas expressões de catolicismo popular, tanto africanas já existentes, quanto portuguesas, que se revelaram em manifestações diversas tendo em comum a devoção ao santo padroeiro, transformada em forma de resistência e manutenção de identidade negra, africana e livre.

Referências

CORRÊA, Iracema França Lopes. *A Congada de Ilhabela na Festa de São Benedito*. São Paulo: Escola do Folclore/ Editorial Livramento, 1981

HEYWOOD, Linda M. (org.). *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

LUCAS, Glaucia. *Os sons do Rosário*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. Belo Horizonte: Editora Perspectiva, 1997

MACGAFFEY, Wyatt. *Kongo Political Culture*. Estados Unidos: Indiana University Press, 2000.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Devoção Negra*. Rio de Janeiro: Quartel Editora, 2008.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Irmandades Negras: Outro Espaço de Luta e Resistência*. São Paulo: Editora Annablume/Fapesp, 2002.

REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas*. São Paulo: Alameda Editorial, 2001

SOUZA, Marina de Mello e. *Além do visível*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2018

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

SWEET, James H. *Recrutar África – Cultura, parentesco e religião no mundo afro- português (1441-1770)*. Lisboa – Portugal: Edições 70, 2007